



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2009

**Nuno Filipe Ramalho
Cravo**

Relatório do projecto

*Civilização Editora – 130 anos no universo familiar dos
livros*



**Nuno Filipe Ramalho
Cravo**

Relatório do projecto

*Civilização Editora – 130 anos no universo familiar dos
livros*

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora. Maria Teresa Marques Baeta Cortez Mesquita, Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e sob co-orientação científica do Doutor Pedro Amado, Assistente Convidado da Universidade de Aveiro

dedicatória

aos meus pais e irmã

o júri

Presidente

Doutora Ana Isabel Barreto Furtado Franco de Albuquerque Veloso
Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Doutor João Luís Lisboa
Professor Associado c/ Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Doutora Maria Teresa Marques Baeta Cortez Mesquita
Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas de Universidade de Aveiro

Mestre Pedro Manuel Reis Amado
Assistente Convidado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Àqueles que contribuíram de algum modo para a investigação e execução do projecto.

Ao Arquitecto Álvaro e Engenheiro Corte-Real, da Civilização Editora, pelo tempo, material e atenção que me dispensaram.

À Professora Teresa e ao Professor Pedro pela orientação e motivação e ensinamentos que me proporcionaram desde o início do projecto.

Aos meus amigos por me darem vida além do trabalho.

À Lara por descobrir ânimo em todos os momentos de abatimento.

Aos meus pais e irmã por toda a generosidade e compreensão e amor.

palavras-chave

história da edição em Portugal, história do livro, Civilização Editora, indústrias culturais

resumo

A história da edição em Portugal no século XX encontra-se ainda largamente inexplorada. Nestas circunstâncias, a reconstituição da vida de editoras e livrarias e dos principais intervenientes é fundamental para, numa fase posterior, se chegar a um entendimento mais amplo e também mais sólido acerca do panorama do livro e da edição no Portugal no século passado. É neste contexto que foi desenvolvido o projecto de um livro com a história de uma editora portuense de renome, a Civilização Editora, que, em 2009, completou 130 anos de actividade. O projecto incluiu a investigação, recolha de materiais documentais e redacção da história da Civilização, bem como a selecção de conteúdos iconográficos, a preparação de uma proposta de design gráfico, o trabalho de pré-impressão e de impressão. Este projecto, que é apresentado na forma de um livro pronto a publicar, vem acompanhado de um relatório, no qual exponho o enquadramento do projecto, os objectivos, a concepção e as reflexões críticas sobre as opções feitas.

keywords

history of publishing in Portugal, history of the book, publishing house
Civilização Editora, cultural industries

Abstract

Portuguese publishing history along the 20th century is still widely unknown and unwritten. Under these circumstances it is essential to develop research on publishers and bookshops in order to create conditions, which later permit to undertake a broader and more general study in order to reach a wider and deeper knowledge about Portuguese books and publishers during the last century. This is the context of the project that I choose to develop – a project for a book concerning the history of a well-known publishing house in Porto, the Civilização Editora, which in 2009 celebrates its 130th anniversary. This project includes research, documental collection and writing of the history of Civilização Editora, as well as a project of graphic design, prepress and printing. The project, a book ready to be published, is supported by a report where I present the framework of the project, its goals and conception as well as critical remarks and explanations on the options made by me.

Índice

1. Apresentação do projecto	9
1.1 Tema	9
1.2 Objectivos	10
2. Investigação	12
2.1 Metodologia	12
2.2 Processo.....	13
3. Texto	15
3.1 Estruturação.....	15
3.2 Redacção	16
3.3 Relação texto-imagem	17
3.4 Revisão de texto	18
4. Design gráfico	19
4.1 Processo.....	19
4.2 Composição	20
4.3 Elementos iconográficos.....	22
4.4 Estrutura do Livro	23
4.5 Papel.....	25
4.6 Ferramentas utilizadas	26
5. Considerações Finais	27
5.1 Dificuldades	27
5.2 Reflexão crítica	28
5.3 Conclusões.....	29
6. Referências bibliográficas	30
6.1 Históricas e literárias	30
6.2 Design e produção gráfica	33

1. Apresentação do projecto

1.1 Tema

O projecto “Civilização – 130 anos no universo familiar dos livros”, que apresento para obtenção do grau de Mestre, tem como principal propósito a preparação de um livro cujo tema central é a história centenária da Civilização Editora.

Fazer a história da edição em Portugal no século XX implica a conjugação de muitos estudos, em muitas vertentes. A investigação da actividade editorial das grandes casas editoras, com grande volume de negócio, e de editoras mais pequenas, que se destacaram pelo seu catálogo em segmentos específicos e/ou que tiveram uma vida mais interessante, de um ponto de vista literário e cultural, na relação tensa ou colaborante com os poderes vigentes, etc, é essencial para se poder chegar a um conhecimento mais concreto do que foi, realmente, o mundo da edição no Portugal novecentista.

Poucas são as editoras portuguesas em actividade no século XX que mereceram até hoje uma investigação aprofundada. Na fase preparatória deste projecto, ponderei com a Prof.^a Doutora Maria Teresa Cortez e a opção recaiu na Civilização Editora. De entre as editoras do Porto, é hoje, a seguir à Porto Editora, o maior grupo editorial do Norte, e teve, ao longo de todo o século XX, uma actividade de peso. Fundada como tipografia em 1879 (como vim a descobrir), a Civilização evoluiu nos últimos anos para um dos maiores grupos editoriais nacionais. É conhecida no meio editorial a propensão para que as empresas nesta área tenham uma longevidade reduzida – os custos de entrada no mercado são diminutos e é com relativa facilidade que se cria, mas não que se mantém uma editora. Mais genericamente, em termos de história empresarial, é igualmente invulgar que uma sociedade exceda a segunda geração. O facto de a empresa se ter mantido sempre nas mãos da mesma família parecia-me também curiosa, na medida em que poderia dar a perceber como se ultrapassaram as delicadas questões sucessórias e de relacionamento pessoal/profissional entre familiares.

A viabilidade o projecto só seria possível se os responsáveis da editora aceitassem colaborar no trabalho. Um dos actuais administradores, Eng.º Eduardo Corte-Real, e, sobretudo, o anterior administrador, o Arq.º Álvaro Moura Bessa manifestaram todo o interesse e disponibilidade em apoiar o projecto, orientando-me na pesquisa e facultando-me toda a documentação em seu poder. Não só permitiram o acesso às instalações, como aceitaram mostrar o vasto espólio de documentos escritos e iconográficos e ainda exemplos de publicações ao longo de quase um século e meio de história.

Por último – *last but not least* – a Civilização Editora abria-me a possibilidade de, numa perspectiva de gestão e economia, que me interessa também por formação, aferir a história de uma empresa familiar que atravessou duas revoluções – Revolução Republicana e Revolução de Abril –, que viveu o fim da Monarquia, o Portugal republicano deste a fundação até hoje, que passou por um regime ditatorial, que sobreveio a todas as grandes transformações do Portugal democrático, dos anos quentes *post* Abril de 74 à europeização e à globalização, que percorreu a era industrial e se adaptou e adapta ainda à era electrónica.

1.2 Objectivos

De uma perspectiva mais formativa e intra-universitária, pretendia-se que, com este projecto, se pudessem articular competências adquiridas ao longo da parte lectiva do Mestrado em Estudos Editoriais, designadamente, conhecimentos sobre a história e cultura do livro, sobre tipologias da edição, revisão de texto, propriedade intelectual, bem como de gestão, marketing do livro, multimédia e design editorial.

Para além da interligação e aplicação desses conhecimentos, definiu-se como objectivo o alargamento de saberes, nomeadamente, no domínio da história da edição. A investigação acerca da história de uma editora que percorre todo o século XX pode ser um contributo, ao qual virão certamente somar-se outros, para uma compreensão mais concreta do panorama editorial português no século passado. O enquadramento político, social e cultural e as relações com outras editoras darão pistas para melhor se aclarar a evolução do *modus operandi* dos intervenientes do mercado do livro durante mais de cem anos.

No que se refere à preparação da narrativa e análise históricas da Civilização Editora, estabeleceu-se como objectivo um balanço entre a abordagem *micro*, com exposição das várias etapas na vida de uma editora – fundação, desenvolvimento e maturidade – e a abordagem *macro*, que visa a integração da editora no contexto editorial nacional e internacional.

No que diz respeito à concepção do projecto, procurou-se tomar em linha de conta a exequibilidade da publicação, definir potenciais públicos a atingir e, depois de definidos, orientar devidamente o projecto, tanto em termos de conteúdo (texto e imagens), como de sua exposição/apresentação e também em termos de composição gráfica.

No estudo de viabilidade, considerou-se que o livro projectado se tornaria muito mais atractivo para publicação se não tivesse um “formato” demasiado académico e não apelasse apenas (ou sobretudo) a especialistas em história do livro e da edição. Seria necessário atrair outros públicos: leitores menos especializados com interesses nessas áreas, *designers* com gosto em “retrospectivas” de *design* editorial, portuenses interessados na história cultural e/ou empresarial da sua cidade, leitores com vocações culturais várias, leitores de longa data que gostem de “recordar” velhos livros lidos na infância e a juventude, clientes assíduos da Civilização. Para isso impunha-se um livro com generosa documentação iconográfica a contrabalançar o texto que, por sua vez, deveria ser estruturado em breves capítulos com títulos apelativos. E exigia-se grande atenção ao projecto de concepção gráfica. Por outro lado, haveria que “seduzir” a própria Civilização para a edição de um livro relativamente pequeno e de custos “admissíveis”, apesar das muitas ilustrações, que a própria empresa pudesse oferecer a personalidades e instituições várias, a clientes especiais, e que pudesse de algum modo contribuir para a promoção da editora. Acresce que o *timing* é propício: a editora celebra este ano 130 anos de história, um número redondo, que vale a pena comemorar.

2. Investigação

2.1 Metodologia

Tendo em consideração os objectivos “históricos”, nomeadamente, os de conhecer, descrever e enquadrar a fundação e evolução de uma editora, foram desenvolvidas três formas de pesquisa. A primeira, com o intuito de conhecer a panorâmica global da empresa, foi a utilização de fontes orais, com entrevistas a um antigo e a um actual administrador. A segunda foi a do levantamento de informação da editora através de visitas à sede e outras instalações. A terceira foi a pesquisa documental de materiais relativos à produção e venda a retalho da editora (e livraria), o que incluiu recolha de catálogos, imagens e outros materiais relevantes para a história da empresa. A quarta assentou na pesquisa bibliográfica, feita com dois propósitos: complementar com outra a informação entretanto adquirida e validá-la. Os elementos de índole textual e iconográfica foram obtidos em diversos locais – Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo Municipal do Porto, Biblioteca Municipal de Aveiro, Biblioteca da Universidade de Aveiro, *websites*, livrarias, alfarrabistas e arquivos pessoais.

A selecção, articulação, descrição e análise dos vários elementos resultou no estudo de caso da vida da editora.

Na prossecução do projecto, um dos focos de investigação foi, como não poderia deixar de ser, a evolução da Civilização e o papel dos proprietários da empresa, a marca que deixaram de geração em geração, as grandes apostas, a sua intervenção mais ampla no mundo editorial seu contemporâneo, as relações com outros editores, com autores, a posição face aos grandes poderes (políticos e outros). Outro foco foi a evolução dos catálogos: tipologias de peso nas diferentes fases da Civilização, opções de edição, êxitos e fracassos resultantes dessas opções.

Naturalmente, outras áreas ligadas ao ramo editorial ou empresarial foram contempladas. Mas não todas. As limitações da investigação abarcam, pelo menos, cinco aspectos:

1. Não foram efectuadas análises quantitativas, da editora e do sector.
2. Não foram recolhidas sistematicamente referências aos tradutores das obras mencionadas.
3. Não foram feitas pesquisas de carácter sociológico, na qual tomasse em consideração a perspectiva dos colaboradores da empresa ou, por exemplo, a evolução do papel das mulheres no contexto do mercado editorial. No caso em apreço, estando a propriedade da empresa associada a um clã patrilinear, a importância das mulheres da família na editora não foi suficientemente avaliada.
4. Não foram inseridas observações relativas a história da arte no que respeita às ilustrações seleccionadas.
5. Não foi detalhada a evolução da tipografia e dos mecanismos de impressão.

2.2 Processo

A primeira abordagem à história da empresa foi feita através de entrevistas a um dos seus administradores, o Eng.º Eduardo Corte-Real, que contextualizou a editora no panorama actual da edição portuguesa e fez uma breve resenha histórica desde a fundação. A partir de alguns dados obtidos e, acima de tudo, daqueles que seriam passíveis de obter, foi possível orientar e pormenorizar a investigação e desenhar uma estrutura, ainda que precária, do projecto.

O aprofundamento do conhecimento da vida da editora partiu das entrevistas com o Arq.º Álvaro Moura Bessa. A partir da enumeração e descrição dos factos marcantes da empresa, foi possível começar a coligir, interpretar e integrar a diversa informação obtida. Numa primeira fase, a quantidade de dados era desproporcionada em termos cronológicos, ou seja, existiam muitos elementos sobre uma determinada época enquanto que para outra, a informação era residual. Tal não permitia uma equilibrada e desejada organização baseada numa barra temporal, o que obrigou à pesquisa de material que permitisse encontrar mais conteúdos, assim como clarificar, confirmar e concretizar alguns episódios narrados nas entrevistas.

Em reuniões posteriores, o Arq.º Moura Bessa revelou-me o riquíssimo arquivo iconográfico, além de outra documentação histórica, que me pôs à disposição. O acesso a dezenas de ilustrações para capas e interiores de livros enriqueceu sobremaneira o projecto, levando-me, contudo, a proceder a um redimensionamento e a uma reestruturação. O fio condutor que se procurou estabelecer inicialmente, em termos textuais e visuais, teve de ser repensado para os novos conteúdos, especialmente, conteúdos visuais, como aguarelas e desenhos à pena. Uma vez mais, a discrepância na quantidade de material recolhido para as diferentes fases da Civilização, compeliu-me a procurar outras imagens, de outras épocas, para que a informação visual ficasse harmonizada.

No trabalho de pesquisa e recolha foram particularmente úteis os catálogos da Civilização e publicações da editora existentes na Biblioteca da Universidade de Aveiro e na Biblioteca Municipal de Aveiro, se bem que tenha também digitalizado livros de bibliotecas particulares e, naturalmente, dos arquivos da Civilização. Para compreender melhor o processo de digitalização, e nalguns casos, de fotografia, procurei alargar os meus conhecimentos acerca dos mecanismos de captação de imagem e posterior tratamento digital, de tal modo que estes materiais pudessem ser utilizados para impressão sem perda de qualidade.

Na recolha iconográfica foram tidas em consideração os seguintes valores: a relevância histórica na vida da editora; a importância cultural e/ou sucesso comercial das publicações a ilustrar; a falta ou abundância de outros elementos visuais da mesma época; e o aspecto estético. Deste modo, a procura de imagens que tivessem simultaneamente interesse visual e possibilitassem o seu uso e enquadramento ao nível da sequência textual resultou numa demorada compilação, selecção e adaptação desses elementos visuais.

Paralelamente às informações dadas directamente pelos intervenientes da editora, foram obtidas outras, decorrentes de pesquisa documental e bibliográfica. Esta não só confirmou ou criou diferentes perspectivas sobre a informação até então adquirida, como desencadeou a recolha de novos dados, inclusive desconhecidos pelos proprietários da empresa. Foram, a título de exemplo, descobertas publicações de jornais impressos pela Typographia de Fraga Lmares & Cª, em 1879, o que antecipou em um ano a data do 130º aniversário da editora.

Na impossibilidade de validação de alguns dados – essencialmente os provindos de fontes orais – através de informação bibliográfica, procurou-se a confirmação dos dados por parte de testemunhas, no caso da história mais recente, ou de conhecedores de determinado contexto ou época.

Uma vez que a informação anexa a alguns documentos, em particular a das ilustrações de capas e textos, não contemplava o período das mesmas, foi imperioso proceder à datação das imagens. Os catálogos da editora foram um instrumento de organização temporal dos elementos recolhidos e, na ausência daqueles, foi utilizado como referência o catálogo da Biblioteca Nacional. A análise deste catálogo foi, aliás, importante para completar a informação acerca de algumas obras, não somente ao nível das datas, como também das colecções e, ocasionalmente, até dos títulos ou dos autores. O estudo das entradas do catálogo relacionadas com a editora permitiu igualmente uma melhor compreensão do número de obras publicadas por épocas e do número de edições de cada obra. Apesar de algumas imprecisões e omissões, o catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal foi um proveitoso instrumento de consulta.

3. Texto

3.1 Estruturação

Tendo em conta os objectivos do projecto, optou-se por uma estruturação em capítulos, divididos em pequenos subcapítulos que permitissem “arejar” a mancha gráfica e que, por outro lado, permitissem ao leitor menos persistente, ou apenas interessado nalguns pontos, seleccionar com mais facilidade o que procura. Quanto aos títulos e subtítulos, a aposta foi no sentido orientar na leitura e, ao mesmo tempo, suscitar e cativar curiosidade. Daí o uso de alguns jogos de linguagem, de alguns epítetos para as figuras em causa, de alguns trocadilhos.

O texto principal com a história da editora foi dividido em seis capítulos, de acordo com dois critérios. Um, o da separação por fases ou datas relevantes na evolução da empresa. O segundo, o do equilíbrio, em termos de duração temporal, por forma a evitar o

alinhamento de capítulos representativos de meio século com outros de um lustro. A conjugação destes dois critérios, que não foi imediata, acabou por originar uma divisão de capítulos homogénea, conseguindo-se que apenas o primeiro abarque um período temporal claramente acima da média da exposição: de vinte anos/capítulo.

Durante o processo de transposição da matéria de investigação para a redacção, assuntos houve que, não sendo essenciais para a compreensão da história da editora, e que, portanto, não caberiam na narrativa histórica sequencial, não deixavam, por isso, de ter interesse, pelo que deveriam aparecer referidos no livro. Foi nessa óptica que se constituiu um capítulo adicional aos seis que apresentam a vida da empresa.

Esse último capítulo, «Outras histórias», divide-se em quatro subcapítulos: «Publicidade», «Os espaços da empresa», «Vivências de editor», «As famílias Civilização». O primeiro refere-se à evolução da publicidade dos produtos da tipografia/editora ao longo dos anos; o segundo, aos espaços físicos da empresa e a relação desta com a cidade do Porto; o terceiro, a episódios particulares que ajudam a compreender o dia-a-dia de um editor; e o quarto, apenas com texto sob forma de legenda, revela através de fotografias e de uma infografia os nomes e caras das pessoas que compõem a empresa e a família proprietária. Por sua vez, cada subcapítulo é composto por pequenos textos, complementares, mas autónomos, o que propicia uma leitura livre e descontinuada. Novamente, é dada ênfase às imagens que, tal como o texto, dão azo a interpretações históricas.

3.2 Redacção

Na redacção de capítulos, procurou-se, em toda a linha, o carácter informativo, objectivo, com parcimónia valorativa. Entendi adequada uma escrita simples, fácil de seguir, e procurei colorir o relato e os comentários com citações oportunas, que ilustrassem de forma mais concreta o que ia sendo transmitido.

Achei por bem não pormenorizar exaustivamente todos os episódios experienciados pelos administradores no decorrer das suas funções à frente da editora. Alguns desses episódios, ou marcos relevantes na vida da empresa, foram colocados em subcapítulos que, de forma sucinta, integrada e cronológica, pudessem tornar mais viva a

história, sem serem sobrevalorizados ou sobredimensionados em relação aos restantes acontecimentos ligados à editora.

O facto do público-alvo eleito ter sido bastante amplo, como já foi explicado, levou-me a algum comedimento na utilização de termos técnicos¹ que pressupusessem fortes conhecimentos prévios em determinadas áreas. Nos casos em que foi imprescindível o seu uso, introduziram-se notas, que foram remetidas para as páginas finais do livro. Esta decisão, que traz o inconveniente do desconforto na leitura, por forçar o leitor a folhear o livro descontinuadamente, é justificada com dois motivos. As notas, na sua maioria são remissões para fontes utilizadas são dispensáveis para os interessados, mas não estudiosos da história da editora e da edição. Os leitores com um perfil mais académico, talvez em menor número que os outros, foram atendidos quanto ao rigor da investigação – as notas são para eles – mas “sacrificados” quanto a facilidade de manuseamento. O segundo motivo que me levou a colocar as notas no final prende-se com questões estéticas. Uma vez que as páginas contêm textos, imagens e legendas, a introdução das notas de rodapé prejudicava em muito o aspecto visual, criando uma terceira área de leitura e sobrecarregando as páginas.

3.3 Relação texto-imagem

Os conteúdos iconográficos recolhidos e o texto devem, sempre que possível, seguir lado a lado quando entram em relação. Ora isto é tanto mais válido para o caso em apreço, a história de uma editora, que é relatada com uma sequência cronológica. Desse modo, a legibilidade pode ser conseguida a dois níveis, a de texto continuado e a da história que as próprias imagens e legendas contam. Assumiu-se, por isso, apropriada a colocação de legendas que contivessem a informação mínima para situar temporalmente determinada imagem na vida da editora. Os dados constantes nas legendas, ora reforçam, ora complementam os do corpo de texto e, se a apreensão do texto ganha com uma leitura

¹ Refira-se, neste caso, a subtileza da diferença de significados entre “reimpressão” e “reedição”.

A distinção entre os dois termos não foi totalmente assegurada durante a redacção do texto, uma vez que seria inviável o estudo de todas as edições de todas as obras mencionadas. Não só nos próprios livros, por vezes, o número da edição falta, como seria exaustivo e inconsequente para os objectivos da publicação atestar se se trata de uma reimpressão ou se, de facto há diferenças, em termos de conteúdos, relativamente à edição anterior.

sequencial, as imagens e legendas são muitas vezes objecto de uma visualização e leitura aleatórias, devendo-se ter o cuidado de localizar e orientar minimamente o receptor.

Procurou-se estabelecer uma unidade nas linguagens verbais e não verbais, preservando uma coerência e harmonia não só na própria página que incorporava texto e imagem, como entre todos os capítulos. Com este pressuposto, e dada a assimetria inicial da informação recolhida, foi um processo moroso e complexo o de obter dados adicionais e dividir equitativamente todo o material em capítulos de dimensões e importâncias históricas idênticas.

3.4 Revisão de texto

No sentido de normalizar o texto, foram definidas as seguintes normas de redacção:

- Títulos de obras e colecções no corpo de texto: itálico
- Títulos de obras nas legendas: itálico
- Títulos de jornais: itálico
- Números
 - de porta de rua: algarismos
 - de publicação e de edições: por extenso
 - Idades: por extenso
 - Percentagens: algarismos seguidos do sinal de percentagem
- Datas: dia e ano em algarismos, mês por extenso
- Citações: aspas duplas no corpo do texto (e não num parágrafo independente); aspas simples para indicar citação dentro da citação
- Palavras e locuções estrangeiras no corpo de texto: itálico
- Divisão de palavras: não hifenização na primeira sílaba se esta tiver menos de três letras, nem na última se tiver menos de duas
- Notas: numeração corrida para todos os capítulos, à excepção do último

4. Design gráfico

4.1 Processo

Do tema muito genérico de desenhar uma publicação não periódica acerca da história de uma editora, seguiu-se a definição de conceitos que ajudariam na orientação do trabalho de design gráfico. Estabeleceu-se que as percepções que melhor se associariam à academia, ao projecto e à empresa seriam as de uma imagem institucional, num registo sóbrio, historiográfico, enveredando por um design moderno, que fosse de uma atractividade não agressiva. Subjacentes à publicação estavam ainda as noções de que aquela deveria ser contemplativa, isenta e inspiradora.

Para materializar os conceitos numa perspectiva gráfica, efectuou-se uma pesquisa de obras que se aproximassem daquela que se pretendia criar de entre as quais se destacam *A Livraria Fernando Machado* e *Fundação Agostinho Fernandes. Portugália Editora. Portugália Brasil. Sá da Costa Editora. Livraria Sá da Costa. Livraria Bucholz*. A apreensão de cultura visual através, quer de bibliografia, quer de projectos já concretizados sob a forma de livro, deu a conhecer uma série de opções – e de limitações na sua utilização – que poderiam ser aplicadas no projecto a desenvolver. Neste contexto, fez-se um levantamento de publicações que pudessem ter características idênticas e elementos comuns àqueles que seriam introduzidos no grafismo do projecto. Esta recolha, organização e análise de outras publicações ajudou determinantemente a estabelecer os limites e a controlar o número de variáveis que são passíveis de ser utilizadas no design gráfico.

Inicialmente, no plano inicial, o projecto tinha uma dimensão menor e um aspecto eminentemente monocromático, com imagens ocasionais a adornarem o texto, que seria predominante. Todavia, a obtenção de material iconográfico relevante no decorrer da investigação, obrigou à reestruturação do formato original. Esta opção não veio desvirtuar o objectivo primeiro de ter um livro manuseável, mais do que um álbum de luxo; por outro lado, a inclusão de novos elementos visuais enriqueceu a obra quer ao nível gráfico como da própria informação histórica.

O primeiro passo na definição do formato do livro foi o de modelar três espécimes a partir dos quais fosse possível perceber tátil e visualmente a dimensão do livro. Assim, além das variáveis largura e da altura, consideraram-se as margens – interior, exterior, superior e inferior –, as colunas e o alinhamento que definiriam a mancha de texto. Em cada caderno seriam utilizadas fontes distintas, com pesos, tamanhos e espaçamento entrelinha diferentes. Nesses primeiros ensaios, com repetidas afinações, foi-se apurando a relação entre os tipos de letra e a análise destes para as diversas partes que compunham o livro, a hierarquia dos títulos, a aplicação das cores e o estudo dos cabeçalhos e rodapés.

4.2 Composição

Dos testes efectuados para estabelecer o formato e a mancha de texto do livro retiraram-se as seguintes características que viriam a definir o aspecto final da publicação:

- | | |
|---|-----------------------|
| ○ Formato (Largura x Altura) | 180 x 250 mm |
| ○ Margens (Sup. x Inf. x Int. x Ext.) | 20 x 30 x 15 x 20 mm |
| ○ Fonte/Tamanho/Entrelinha para Texto | Goudy Old Style 10/14 |
| ○ Fonte/Tamanho/Entrelinha para Capítulos | Myriad Pro 14/18 |
| ○ Colunas | 2 |
| ○ Alinhamento do texto | Esquerda |

O formato permite que a disposição dos elementos verbais e não verbais fiquem com espaço à volta, facilitando desse modo a hierarquização da sua importância visual. As margens generosas facilitam a leitura ou a visualização, ao folhear, dos conteúdos.

Limitou-se a duas as famílias tipográficas escolhidas para a composição do projecto. Para a mancha principal optou-se pela serifada Goudy Old Style, tamanho 10, sendo também a utilizada para as legendas, mas com 8 pontos. O itálico deste tipo foi aplicado, quer nas legendas como no texto principal, nos títulos das obras. Os traços finos e arredondados conferem à Goudy Old Style uma graciosidade que, por sua vez, é transmitida na mancha de texto, neutra e equilibrada. Criada em 1915, é ainda actual e as suas características tornam-no num tipo de letra particularmente legível para publicações impressas. Para capa, capítulos, subcapítulos e cabeçalhos a escolha caiu na Myriad Pro, tipo

não serifado, recorrendo às suas variações de peso regular e negrito. Humanista, este tipo de letra é a versão *opentype* da família de letras original, Myriad. A conjugação entre a Goudy Old Style e a Myriad Pro vem balancear, de forma harmoniosa, dois tipos de letra distintos, o primeiro “old style”, serifado e conservador e o segundo humanista, não serifado e moderno.

A decisão de correr o texto numa só coluna não pareceu a mais adequada na medida em que as linhas de leitura seriam excessivamente longas. Recorreu-se, por isso, à utilização de duas colunas, que induz uma melhor legibilidade, reforçada pelo alinhamento à esquerda que, pela sua irregularidade à direita, facilita a transposição visual de uma linha para a seguinte.

Estas opções mantêm-se ao longo do livro, não se tendo enveredado por uma composição individual página a página, o que obrigaria o leitor a reajustar constantemente os pontos de referência visuais.

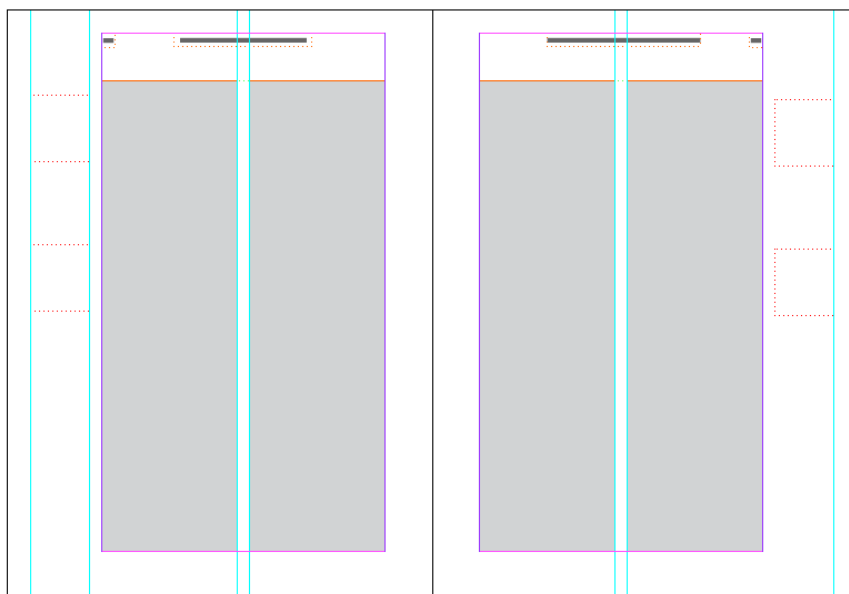


Fig. 1 Indicação da mancha de texto, em duas colunas por página

4.3 Elementos iconográficos

A introdução de um número considerável de imagens embelezou, avolumou e tornou mais complexo o projecto. Seja por razões históricas, estéticas, de tipologia ou até, mais prosaicamente, por curiosidades, foram diversas as justificações para a inclusão de elementos iconográficos; estes, por sua vez, apareciam em diferentes formatos, podendo ser fotografias de pessoas, grupos, locais ou catálogos, ilustrações para capas, contracapas, guardas, lombadas, vinhetas, texto, desenhadas à pena, a aguarela ou compostas digitalmente, logótipos utilizados pela editora, jornais, cartas, retratos, recibos ou notas.

O número significativo dos elementos iconográficos apresentados acarretou um conjunto de procedimentos mais complexos que a manipulação de um texto corrido. O primeiro momento foi o de organização e datação das imagens e obtenção de informações complementares (e.g. nomes dos autores, obras ou colecções relacionadas com ilustrações). Uma vez que a primazia estava no conteúdo escrito, eram as imagens que àquele se deveriam adaptar, associar ou complementar. Assim, numa segunda fase, procedeu-se à selecção dos elementos visuais mais significativos e que melhor se relacionassem com o texto. Após esta difícil escolha, à qual antecedeu a não menos fácil recolha, foram necessários diversos ensaios na disposição das imagens e na sua relação com o texto de forma a tornar essa ligação harmoniosa. A manipulação das imagens em termos de tamanho, a conjugação com os alinhamentos e outros elementos de página foi um processo moroso, já que a introdução ou exclusão de uma daquelas imagens implicava a movimentação de todo o texto ao longo da estrutura do livro. Outra preocupação na localização e na quantidade de imagens foi a de, tal como no texto, balancear a informação de cada capítulo, não os tornando desproporcionais uns em relação aos outros. Nesta óptica, houve ainda necessidade de se fazer nova recolha de imagens, em particular relacionadas com temas ou períodos temporais, de forma a equilibrar visualmente, e em termos de volume, o livro. Em seguida, tiveram de ser feitas várias impressões para verificar a legibilidade dos textos e o reconhecimento das pessoas, desenhos ou ornamentos das imagens.

Procurou-se, ao longo das páginas, colocar imagens directamente relacionadas com o texto. Se, nalguns casos, a composição gráfica e a relação texto/imagem foi bem sucedida, noutros, nota-se uma sobreposição ou rivalidade entre os dois elementos, que se canibalizam.

E, embora se procurasse evitar, verificam-se situações em que não foi conseguida uma distribuição adequada de peso das imagens nas páginas par e ímpar. A densidade de imagens nalgumas páginas pode levar a pensar que o livro dá mais importância à iconografia e que foi o texto o elemento produzido *a posteriori*, quando, na realidade, o processo foi exactamente o inverso. Ainda assim, ficou de fora um conjunto de imagens de elevado interesse estético. Por haver períodos temporais dos quais se reuniu um abundante conjunto de imagens, foi indispensável prescindir da publicação de algumas, sob pena de se perder o equilíbrio de conjunto na história da editora.

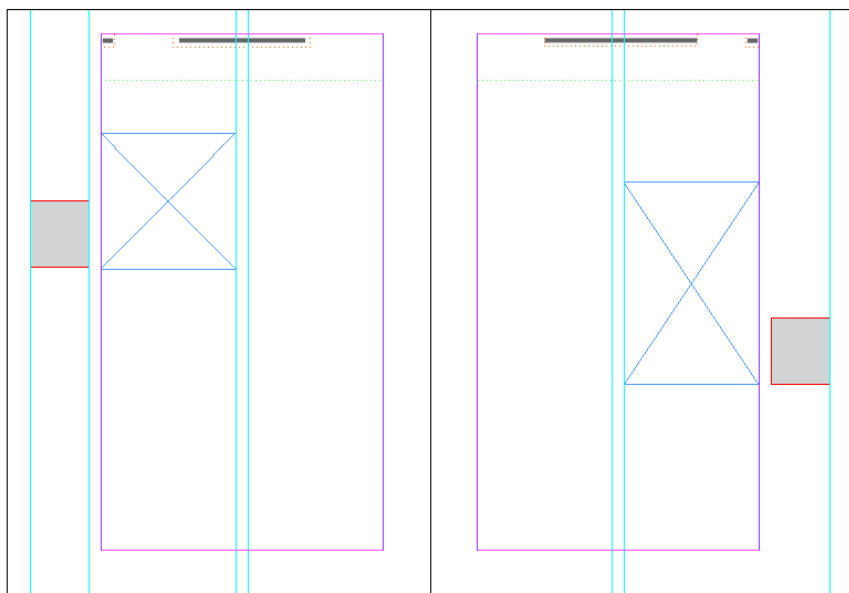


Fig. 2 Indicação das localizações genéricas das imagens e das legendas

4.4 Estrutura do Livro

A estrutura obedece à tradicional organização de um livro. Depois da capa, o anterrosto e o rosto. No verso deste, a ficha técnica, e nas folhas seguintes, agradecimentos, índice, introdução e epígrafe antes das entradas dos sete capítulos. No final, registam-se as notas, os créditos das imagens e a bibliografia, encerrando-se com a guarda e a contracapa. A lombada é rectilínea, possibilitando a inscrição dos elementos de identificação da obra. A impressão

do título e nome do autor foi feita de acordo com a Norma Portuguesa (NP) 3193 de 1987, que define que o título da lombada deve ser descendente.

Para a capa foi seleccionada a imagem da capa e contracapa do “Extracto do catálogo da Livraria Civilização” de 1920. A escolha resultou de três factores: a importância histórica do documento, já que é o primeiro catálogo conhecido que alia os nomes da empresa, “Civilização”, e da família, “Fraga Lamares”; a relevância estética, quer pela sua tipografia como pela sua cor salmão; e a subtilidade dos detalhes. Na capa do catálogo está carimbado o símbolo da Universidade de Aveiro – em cuja biblioteca o documento se encontra arquivado e instituição para a qual este projecto foi desenvolvido – e a contracapa do referido catálogo era utilizada como cartão-postal, onde se colava o selo e se escrevia o endereço do destinatário.

A capa e a contracapa da publicação são percorridas por uma lista avermelhada. O objectivo da sua inserção é o de manter uma identidade visual consistente com a do interior do livro, onde se utilizam, para separação dos capítulos e outros elementos, essas listas e aquela cor. Da contracapa consta ainda a sequência evolutiva dos logótipos da editora.

Aproveitaram-se as páginas do anterrosto, rosto, e a posterior à do índice para se incluírem, em grande dimensão e de forma cronológica, os três logótipos utilizados pela editora ao longo da sua história.

A ficha técnica, ou folha de título de publicações não-periódicas, como é descrita na NP-738 de 1987, deve ser composta, segundo aquela norma, por título, local, editor, ano e classificação CDU. São exigidos outros elementos, como é o caso do ISBN ou do número do depósito legal que, para o projecto em causa, não são aplicáveis, uma vez que não se trata de uma edição propriamente dita. Todavia, para uma publicação tradicional, aqueles elementos deveriam constar da folha de título, de acordo a norma mencionada. Esta, contudo, não refere uma informação que foi incluída na ficha, a do tipo, tamanho e autoria dos tipos de letra utilizadas no texto.

4.5 Papel

Uma vez que a publicação se destina também a promover a imagem da editora, a visão sobre os encargos na produção gráfica não pode ser estritamente financeira, i.e., com base na redução máxima de custos. Por outro lado, pretende-se que o objecto físico da obra mantenha uma qualidade duradoura. Um papel de menor qualidade amarelaria e absorveria desequilibradamente a tinta. Pelo facto de o livro ter conteúdos iconográficos, é imprescindível que sejam utilizadas quatro, cinco ou seis cores na impressão *offset*. A opção do papel recai no Munken 100 gr./m². Esta gramagem reforça a opacidade, impedindo a visualização da impressão de uma página no seu verso. Não tendo a publicação dimensão superior ao normalizado A4 nem mais de 150 páginas, o volume que aquele tipo de papel confere não interferirá com a maneabilidade do exemplar.

Para a capa e contracapa é aconselhável a utilização de capa dura, que dá maior qualidade e resistência. Esse tipo de capa, feita de cartão prensado e forrado a papel, é colado às guardas e à lombada, que também seguram os cadernos, preferivelmente costurados. Pretendendo ser uma publicação comemorativa e que, por isso, interessa conservar, aquele tipo de material e tratamento são os que melhor preservam a passagem das mãos e do tempo pelo livro. A sugestão de acabamento passa pelo método da termolaminação, técnica de revestimento a quente que regula o brilho, protege de elementos abrasivos e confere uma textura adicional ao material.

Na medida em que o trabalho em causa é um projecto, e não a produção do produto final, os exemplares desenvolvidos foram impressos digitalmente. Seria inviável economicamente a impressão e encadernação de um número tão reduzido de exemplares. Desse modo, a qualidade das cores e da definição é inferior à que seria obtida pelo processo *offset*. Do mesmo modo, a capa e contracapa foram impressas em capa mole, papel, ou cartolina de 235 gr./m² e sem qualquer tratamento adicional.

4.6 Ferramentas utilizadas

O trabalho foi produzido, essencialmente, através de dois programas informáticos, o *Word*, da Microsoft e o *Indesign*, da Adobe. Atendeu-se, desde início, à compatibilidade entre o primeiro, um processador de texto, e o segundo, um programa de paginação. Assim, previu-se desde logo, no *Word*, a criação de estilos – características tipográficas, tanto de parágrafos como de caracteres, e que se estendia a títulos, subtítulos, corpo de texto, citações, etc. – que fossem exportáveis para o *Indesign*. Por sua vez, neste programa, foram criadas *layers* cujo objectivo é separar os diferentes componentes da página: texto, imagem, legendas e cabeçalho. Após a preparação dos estilos de texto e dos *layers*, desenvolveram-se as páginas-mestras, que darão consistência e farão repetir os elementos – margens, colunas, número de página, caixas de texto principal, de legendas e imagem – nas páginas da publicação.

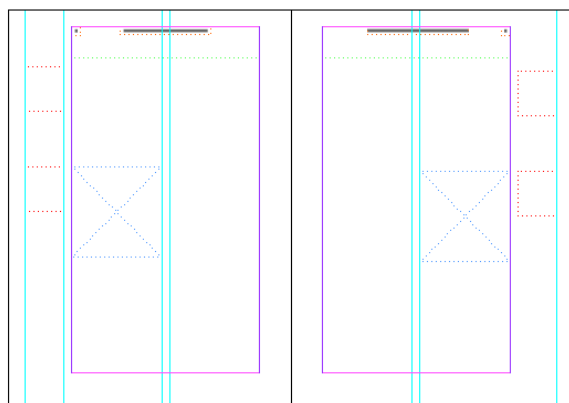


Fig. 3 Páginas-mestras da publicação

O *Indesign* foi ainda utilizado para tratamento de imagem, nomeadamente, o recorte, redimensionamento, brilho, contraste e cor. Outro programa, *Photoshop*, da Adobe, editor de imagens bidimensionais, foi pontualmente empregue no tratamento de imagens.

Um quarto programa informático auxiliou a elaboração do projecto, o *Excel*, da Microsoft. Apesar de ser uma folha de cálculo, a utilização dos filtros permitiu, depois de importar a informação constante no catálogo da Biblioteca Nacional, organizar listagens, por datas, colecções, autores, títulos ou número de edições, das publicações da editora desde a sua fundação.

5. Considerações Finais

5.1 Dificuldades

A compreensão da história da empresa, em particular, no período inicial, colocou-me algumas dificuldades. As aquisições, alterações das designações sociais, compra e venda de quotas enublaram o entendimento de alguns detalhes e tornaram trabalhosa a contextualização de documentos que continham informações menos claras. Refira-se, a título exemplificativo, a difícil lógica inerente à utilização dos termos “Livraria”, “Editora”, “Casa editora” ou “Imprensa” com o nome “Civilização”.

A confirmação de actividades e acções de pessoas das quais não há referências directas em documentos obriga a uma investigação adicional através da aplicação de técnicas da História, em particular, da História Oral, e da Antropologia – Métodos Biográficos –, que me eram desconhecidos.

Na redacção, evitar repetições, por um lado, e incluir, por outro, as necessárias ajudas ao leitor, reforçando dados previamente facultados que lhe permitissem acompanhar o texto sem sobressaltos exigiu uma sucessão de revisões e acertos. Por outro lado, registar de forma harmoniosa a informação coligida num alicerce cronológico, exigiu uma série de remodelações e retoques na escrita. Nesta área, foram da maior importância as leituras primeiros textos fragmentados pela Prof.^a Teresa Cortez bem como a sua releitura do texto completo, que levou a reacertos.

O manuseamento do programa de paginação *Indesign*, que tinha sido introduzido na disciplina de Multimédia Editorial, tornou-se progressivamente mais familiar e intuitivo, embora existam, obviamente, um sem-número de opções que me eram – e ainda são – desconhecidas. Neste domínio, o auxílio do Prof. Pedro Amado foi imprescindível. As suas recomendações e a prática familiarizaram-me com muitas das técnicas específicas de organização gráfica.

Além da utilização do *Indesign*, no que diz respeito ao design gráfico, uma dificuldade acrescida foi a de apurar a vista para observar o elemento invisível de um livro: a estrutura da paginação. Reconhecer os planos de página, reconstituí-los e criar uns próprios exigiu uma

aprendizagem e absorção intensa de cultura visual, uma exercitação de técnicas de composição gráfica e a experimentação das várias opções que aquelas possibilitavam.

Ainda no domínio da manipulação de instrumentos informáticos, um entrave, não sanado sem alguns esforços, foi o da digitalização de imagens. Os *scanners* disponíveis nos vários locais onde se encontravam as obras nem sempre eram de utilização intuitiva e/ou não tinham a manutenção mecânica apropriada, o que originou repetições nas digitalizações e consequentes atrasos.

Previra, por defeito, a quantidade de provas necessárias para atingir o objecto final. Se, certamente, ainda se encontrarão gralhas e desalinhamentos na versão definitiva, eles seriam incomensuravelmente superiores se se economizassem impressões. A distância entre o monitor e o papel é longa no que diz respeito à detecção de falhas no texto ou imagens. Além da intensa colaboração dos professores orientadores, um pequeno conjunto de revisores informais alertaram para situações atípicas e incorrectas nas páginas impressas, fazendo jus à ideia de que o autor não pode ser o seu próprio revisor.

5.2 Reflexão crítica

A experiência de projectar um livro trouxe, inquestionavelmente, uma mais-valia na formação académica. O trabalho de articulação de tantas vertentes do processo editorial tornou-me mais consciente acerca da complexidade do desenvolvimento de uma publicação.

As melhorias ao projecto têm uma extensa amplitude. As opções tomadas podem deixar insatisfeitos alguns leitores, em particular, os que procuram o desenvolvimento de alguns temas específicos que não foram aprofundados. A evolução das técnicas de impressão é referida a espaços, não houve um estudo detalhado acerca da iconografia de todos os livros, os métodos de gestão são referidos numa perspectiva conjuntural e não estrutural. Procurou-se balancear a análise crítica e a descrição da história da editora, contudo, é aceitável que, nalguns casos, uma ou outra peque por falta ou por excesso.

Na redacção, alguns subcapítulos foram menos bem conseguidos. O estilo de escrita apesar de se procurar harmonioso ao longo de todo o texto foi, pontualmente, influenciado pelos objectos de investigação. No primeiro capítulo há uma leve carga de vocabulário relacionado com o processo de análise histórica da época em causa; no quinto capítulo,

sente-se mais fortemente a presença da oralidade, consequência da utilização do método de entrevista; no sexto capítulo é notória a linguagem mais técnica e ligada à esfera da edição.

Dada a minha falta de formação específica no domínio das Belas-Artes e do Design de Comunicação, não aspirava a à concepção e execução de um design gráfico inovador e revolucionário. A paginação seguiu mais a via da discrição que a da inovação. Não se inseriram ornamentos para separação de subcapítulos, não se jogou com a colocação de desdobráveis ou cortantes que poderiam enriquecer tátil e visualmente o projecto.

Infeliz, mas creio que incontornavelmente, neste projecto editorial em particular e, em geral, no mundo da edição, detectaram-se gralhas – verbais na redacção e de alinhamento no design – após as impressões finais.

5.3 Conclusões

No decurso do projecto foram aparecendo sucessivas ideias que teriam de ser ponderadas – umas foram melhoradas, outras abandonadas. Mais importante do que a concretização dessas ideias foi o desenvolvimento do processo de tomada de decisões, que foi sendo progressivamente mais veloz. Uma vez que se conhece e se tem poder de modificação sobre todas as variáveis – texto, imagem e paginação –, adquire-se a percepção global das implicações de cada uma das escolhas. Quanto maior é o controlo e interacção entre aqueles elementos, mais complexa, mas mais rica, se torna a composição final.

Outro ensinamento retirado deste projecto foi a melhor compreensão de todas as partes intervenientes no processo de criação de um livro. O jogo de forças entre autor, designer e editor foi por mim fortemente sentido enquanto actor que desempenhou esses papéis em simultâneo. Essa experiência atestou o delicado, mas essencial, equilíbrio que é exigível na gestão das diferentes sensibilidades e interesses de todos os contribuidores de uma publicação.

6. Referências bibliográficas²

6.1 Históricas e literárias

ALVES DIAS, João José (2003), *Em torno do selo postal português, 1853-2003. Subsídios para uma bibliografia. As colecções da Biblioteca Nacional e da Fundação Portuguesa das Comunicações*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

BRASIL, Jaime (1961), *Ferreira de Castro. A Obra e o homem*. Lisboa, Editora Arcádia.

CASTELO BRANCO, Gabriela (1954), *Páginas de jornalismo*. Lisboa, Imprensa Artística.

Diário de Lisboa de 9 de Fevereiro de 1967

DINES, Alberto (2005), *Morte no Paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*, Lisboa, Círculo dos Leitores.

Enciclopédia-Luso Brasileira da Cultura. Lisboa, Verbo

FARIA, Maria Isabel e Maria da Graça Pericão (2008), *Dicionário do livro – da escrita ao livro electrónico*. Coimbra, Almedina.

FELGUEIRAS, Margarida Louro (2006), “Da heurística do inventário das escolas à hermenêutica da produção histórica”, in *Comunicações coordenadas. Eixo temático 4 – História e Memória da Educação. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*, Uberlândia, Brasil

FERREIRA, Serafim (1999), *Olhar de editor: narrativa*. Lisboa, Escritor.

FREITAS, Américo Castro e GALEGO, Belmiro Esteves (2008), *Centenário da visita régia de D. Manuel II ao concelho de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos

² Não incluo nesta bibliografia a referência a livros editados pela Civilização e catálogos da editora consultados para a elaboração do projecto.

Fundação Agostinho Fernandes. Portugália Editora. Portugália Brasil. Sá da Costa Editora. Livraria Sá da Costa. Livraria Bucholz. [N/D].

GIL, Maria de Fátima (2002), *Stefan Zweig em periódicos portugueses dos anos 30 e 40 do século XX*, série *Cadernos do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos* n.º 3, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

– (2008), *Uma biografia «moderna» dos anos 30. Magellan. Der Mann und sein Tat de Stefan Zweig*. Coimbra, Edição de Minervacoimbra e Centro Universitário de Estudos Germanísticos.

GUEDES, Fernando (1987), *O livro e a leitura em Portugal: subsídios para a sua história séculos XVIII e XIX*, Lisboa, Verbo.

– (1999), *Os livreiros em Portugal e as suas associações desde o século XV até aos nossos dias*. Lisboa, Editorial Verbo.

– (2005), *Os livreiros em Portugal e as suas associações desde o século XV até aos nossos dias. Subsídios para a sua história*, Lisboa, Verbo, 2ª edição revista e aumentada.

GUEDES, Rafael (Coord.) (2002), *Jornais e Revistas Portuguesas do Séc. XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

LEITE, Pedro Jorge de Oliveira Pereira (1998), *Mercadores de letras: rumos e estratégias dos editores e livreiros na divulgação cultural durante o Estado Novo, 1933-1974*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARIA PEREIRA, Antónia (1998), *Parceria A. M. Pereira: crónica de uma dinastia livreira*. Lisboa, Editora Pandora.

MARQUES, Henrique (1935), *Memórias de um editor: publicação póstuma*. Famalicão, Tipografia Minerva.

MARTINS DE CARVALHO, Francisco Augusto (1891), *Diccionario bibliographico militar portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional.

MATTOSO, José (dir.) (1993), *História de Portugal*. Lisboa, Estampa.

MEDINA, João (1979), *Salazar e os fascistas. Salazarismo e nacional-sindicalismo: a história de um conflito – 1932-1935*, Lisboa, Bertrand.

MEIRELES PEREIRA, Maria da Conceição (1998), “Jornais, Editores e Tipografias do Porto (1866-1898)” in *A Indústria portuense em perspectiva histórica. Actas do Colóquio*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MOURA BESSA, Álvaro Magro de (2003), *Genealogia das famílias – Almeida Beça – Moura – Fraga Lames – Pereira Magro – Ennor – Santos – Outras. Suas uniões e descendência*. Porto, Civilização Editora.

NÓVOA, António (dir.) (2003), *Dicionário dos Educadores Portugueses*. Porto, ASA.

O Século, de 2 de Fevereiro de 1928.

PASSOS, Carlos (org.) (1943), *Homenagem a Campos Monteiro: 1876-1933. Miscelânea de estudos em honra do escritor e do cidadão*. Porto, Livraria Tavares Martins.

PASSOS, Carlos de (1943), *Homenagem a Campos Monteiro. 1876-1933. Miscelânea de estudos em honra do escritor e do cidadão*, Porto, Livraria Tavares Martins.

PEREIRA, A . X. da Silva (1897), *Os jornais portugueses. Sua filiação e metamorfoses. Notícia suplementar alfabética de todos os periódicos mencionados na “Resenha cronológica do jornalismo português”*. Lisboa, Imprensa Libânio da Silva

RÊGO, Manuela (1998), *Livros portugueses de cozinha*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

RÊGO, Manuela (Coord.) (2003), *Antes das playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*. Lisboa, Biblioteca Nacional.

RODRIGUES, Graça Almeida (1980), *Breve história da censura em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

RODRIGUES, Manuel Alves, GOMES, Cristina e LOPES, Lúcia (2009), *Documento ad usum et beneficium Fecundação, gravidez e parto*. In *Revista Referência*, 9: 79-84. Coimbra

SAMUEL, Paulo (2006), *Livraria Fernando Machado, História e Prestígio de uma Livraria Portuense*. Porto, Caixotim.

SONNENFELD, Marion (1983), *Parte 2653 de Stefan Zweig, the World of Yesterday's Humanist Today: Proceedings of the Stefan Zweig Symposiu*. Nova Iorque, Suny Press

TAVARES, José Correia (2001) *O timbre das vozes*. Alpiarça, Garrido, 1ª edição

6.2 Design e produção gráfica

BAER, Lorenzo (2002), *Produção gráfica*. São Paulo, Editora SENAC, 4ª edição

BARBOSA, Conceição (2009), *Manual de produção gráfica*. Cascais, Principia, 3. ed.

BROCKMAN, Josef Müller (2007), *Grid System in Graphic Design*, Basileia, Niggli, 5.ª ed.

BUTCHER, Judith (2006), *Copy-Editing: the Cambridge Handbook for Editors, Copy-Editors and Proofreaders*. Cambridge, CUP

CRAIG, James e SCALA, Irene (2006), *Designing with Type*. Nova Iorque, Korol, Watson Guptill Publications, 5.ª ed.

HEITLINGER, Paulo (2006), *Tipografia: origens, formas e uso das letras*. Lisboa, Dinalivro.

HENDEL, Richard (1998), *On book design*. New Haven, Yale University Press

HORN, Barbara (2006), *Editorial project management: with exercises and model answers*. London, Horn Editorial Books

JOHANSSON, Kaj, Peter Lundberg e Robert Ryberg (2004), *Manual de producción gráfica: recetas*. Barcelona, Gustavo Gili

KIPPHAN, Helmut (2001), *Handbook of Print Media: Technologies and Production methods*, Berlin, Springer

LEE, Marshall (2004), *Bookmaking: Editing, Design, Production*. W. W. Norton & Company, 3.^a ed.

LUPTON, Ellen (2004), *Thinking with Type – A Critical Guide for Designers, Writers, Editors and Students*. Nova Iorque, Princeton Architectural Press.

MASTERSON, Pete (2007), *Book design and production: a guide for authors and publishers*. El Sobrante, Æonix Publishing Group

WILLIAMS, Robin (2004), *The non-designer's design book: design and typographic principles for the visual novice*. Berkeley, Peachpit Press, 2nd edition